



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL
DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS DOS MALÊS
LICENCIATURA EM LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA**

MARIA ISABEL SOUZA DE JESUS SANTOS

**A INSERÇÃO DA LITERATURA INFANTO JUVENIL AFRO-BRASILEIRA
NAS SÉRIES INICIAIS NO ENSINO FUNDAMENTAL NA ESCOLA
IROMAR SILVA NOGUEIRA EM SÃO FRANCISCO DO CONDE-BA**

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2023

MARIA ISABEL SOUZA DE JESUS SANTOS

**A INSERÇÃO DA LITERATURA INFANTO JUVENIL AFRO-BRASILEIRA
NAS SÉRIES INICIAIS NO ENSINO FUNDAMENTAL NA ESCOLA
IROMAR SILVA NOGUEIRA EM SÃO FRANCISCO DO CONDE-BA**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Graduação em Letras – Língua Portuguesa do Instituto de Humanidades e Letras dos Malês, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Licenciada em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Gabriel da Cunha Pereira.

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2023

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Sistema de Bibliotecas da Unilab
Catalogação de Publicação na Fonte

S236i

Santos, Maria Isabel Souza de Jesus.

A inserção da literatura infantojuvenil afro-brasileira nas séries iniciais no ensino fundamental na Escola Iromar Silva Nogueira em São Francisco do Conde-BA / Maria Isabel Souza de Jesus. - 2023.

59 f. : il. color.

Monografia (Licenciatura em Letras - Língua Portuguesa) - Instituto de Humanidades e Letras dos Malês, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, 2023.

Orientador: Prof. Dr. Gabriel da Cunha Pereira.

1. Cultura afro-brasileira. 2. Literatura infantojuvenil brasileira - São Francisco do Conde (BA). 3. Ensino fundamental - São Francisco do Conde (BA). I. Escola Iromar Silva Nogueira - Estudo de casos. II. Título.

BA/UF/BSCM

CDD 372.64098142

MARIA ISABEL SOUZA DE JESUS SANTOS

**A INSERÇÃO DA LITERATURA INFANTO JUVENIL AFRO-BRASILEIRA
NAS SÉRIES INICIAIS NO ENSINO FUNDAMENTAL NA ESCOLA
IROMAR SILVA NOGUEIRA EM SÃO FRANCISCO DO CONDE-BA**

Monografia apresentada como parte dos requisitos para obtenção de grau Licenciada em Letras, no curso de Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa, do Instituto de Humanidades e Letras dos Malês, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – Unilab.

Data de aprovação: 4 de dezembro de 2023.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Gabriel da Cunha Pereira (Orientador)

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – Unilab

Prof.^a Dr.^a Eliane Gonçalves da Costa

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – Unilab

Prof.^a Dr.^a Josyane Malta Nascimento

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – Unilab

Dedico este trabalho a minha mãe Valnisia por sempre valorizar, honrar, respeitar e exaltar a nossa identidade negra;

Ao meu pai, Antônio, que mesmo com todas as dificuldades, sempre lutou para me manter na escola;

Aos meus avós maternos e paternos (in memória), por me permitir conhecer a história da nossa ancestralidade, e por sempre acreditarem em mim;

Ao meu tio, Valfredo, meu alfabetizador;

A minha família, meus filhos Micael e Micaías, e ao meu esposo, Carlos, por todo incentivo.

Aos meus irmãos e irmãs por sempre me darem força, permitindo eu enxergar muito além;

Aos alunos e alunas da Escola Iromar Silva Nogueira;

A todos os meninos pretos e meninas pretas, orgulho da identidade negra. Enfim a todos que contribuíram, para que eu pudesse concluir este trabalho.

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela minha vida, e por me permitir ultrapassar todos os obstáculos encontrados ao longo da realização deste trabalho, e fez com que meus objetivos fossem alcançados, durante todos os meus anos de estudos.

Ao meu esposo, Carlos Alberto Santos e meus filhos: Micael Santos e Micaías Santos, pela compreensão e paciência todo o processo quando precisei me ausentar, quando me dedicava a realização deste trabalho.

Aos meus pais, Antônio Sila de Jesus e Valnisia dos Santos Souza, por prezar por minha educação; e irmãos, que me incentivaram nos momentos difíceis e compreenderam a minha ausência enquanto eu me dedicava à realização deste trabalho.

Aos meus avós, em especial os maternos, em memória Valmir José de Souza e Maria Domingas dos Santos Souza, que me inspiram a escrever este trabalho, em recordação aos contos orais das histórias a mim contadas.

Aos amigos/familiares por todo o apoio e pela ajuda, com quem convivi ao longo desses anos de curso, que me incentivaram e que certamente tiveram impacto na minha formação acadêmica.

Aos alunos, gestão e demais funcionários da Escola Iromar.

Aos meus colegas de curso, com quem convivi intensamente durante os últimos anos, pelo companheirismo e pela troca de experiências que me permitiram crescer não só como pessoa, mas também como formando. Em especial a minha saudosa amiga Amanda Sena.

À instituição de ensino UNILAB- Campus dos Males, e todos os meus professores, que foram essenciais no meu processo de formação profissional, pela dedicação, e por tudo o que aprendi ao longo dos anos do curso; minha gratidão a toda comunidade unilabiana.

A professora Eliane Gonçalves pelas contribuições.

Ao meu orientador, Dr. Gabriel da Cunha Pereira, que conduziu o trabalho com paciência e dedicação, sempre disponível a compartilhar todo o seu vasto conhecimento.

Por fim, agradeço a mim mesma por me manter forte e nunca desistir de meus sonhos.

"A pior prisão é a do preconceito, da inveja, da cobiça, da hipocrisia, do egoísmo, da mentira, enfim, a pior prisão é a mente..."

Afro-X

RESUMO

Esta pesquisa tem por objetivo refletir e analisar a contribuição da literatura infantojuvenil afro-brasileira, nas séries iniciais do ensino fundamental, na escola Iromar Silva Nogueira em São Francisco do Conde-BA, de maneira a potencializar o pertencimento identitário dos jovens e crianças negros franciscanos, de onde vieram seus antepassados, decorrentes da sua ancestralidade. Os elementos de pesquisa encontram-se fundamentado nas leis federais da educação[...], nas obras de Eliane Debus (2017); Eliane Cavalleiro (2023); Cuti (2010); e nos estudos de caso por meio de uma oficina na escola, com utilização das obras de Kiusam “ Com qual penteado eu vou?” (2021) e “Meu avô africano” de Carmen Lucia Campos (2019). Diante das pesquisas percebemos um grande montante de literatura negra, mas que ainda enfrenta grandes desafios de acessibilidade e efetivação, principalmente nos espaços escolares. O resultado desta pesquisa revela significativa contribuição para a construção da identidade ético-racial na infância.

Palavras-chave: cultura afro-brasileira; ensino fundamental - São Francisco do Conde (BA); Escola Iromar Silva Nogueira - estudo de casos; literatura infantojuvenil brasileira - São Francisco do Conde (BA).

ABSTRACT

This research aims to reflect and analyze the contribution of Afro-Brazilian children's literature, in the initial grades of elementary school, at the Iromar Silva Nogueira school in São Francisco do Conde-BA, in order to enhance the identity belonging of black Franciscan young people and children, where your ancestors come from, resulting from your ancestry. The research elements are based on federal education laws [...], in the works of Eliane Debus (2017); Elaine Cavalleiro (2023); Cuti (2010); and in case studies through a workshop at school, using the works of Kiusam "With which hairstyle do I go?" (2021) and "My African grandfather" by Carmen Lucia Campos (2019). In view of the research, we noticed a large amount of black literature, but it still faces major challenges in terms of accessibility and implementation, especially in school spaces. The result of this research reveals a significant contribution to the construction of racial ethical identity in childhood.

Keywords: Afro-Brazilian culture; Brazilian children's literature - São Francisco do Conde (BA); elementary education - São Francisco do Conde (BA); Iromar Silva Nogueira School - case studies.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABNT - Associação Brasileira de Normas Técnicas

BNCC - Base Nacional Comum Curricular

Dr. - Doutor

Dr.^a - Doutora

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

MEC - Ministério da Educação

PCNs - Parâmetros Curriculares Nacionais

PPP - Projeto Político Pedagógico

Prof. - Professor

Prof.^a - Professora

RCNEI - Referencial Curricular para Educação Infantil

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Realização da Oficina	32
Figura 2	Produções das crianças que se identificaram negras	33
Figura 3	Produções das crianças pretas que se identificaram como brancas ou com traços de branqueamento	34
Figura 4	Capa do livro com qual penteado eu vou	35
Figura 5	Capa do livro meu Avô africano	36
Figura 6	Arte da cultura afro-brasileira produzidos pelas crianças	38
Figura 7	Desfile apresentação das artes	39
Figura 8	Representatividade negra	40
Figura 9	Pinturas tribais	40
Figura 10	Dança afro-brasileira	41
Figura 11	Contribuição da coordenação	42
Figura 12	Página do livro almanaque antirracista	43
Figura 13	Equipe pedagógica da escola Iromar: direção, coordenação, formanda e professoras	45

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	13
2	BREVE HISTÓRICO DA REPRESENTAÇÃO DAS PERSONAGENS NEGRAS INFANTOJUVENIL NA LITERATURA INFANTOJUVENIL	17
2.1	PERSONAGENS NEGRAS NA LITERATURA BRASILEIRA: OS ESTERÍÓTIPOS	17
2.2	O CONCEITO DE LITERATURA INFANTOJUVENIL AFRO- BRASILEIRA E A ASCENSÃO DA CRIANÇA NEGRA BRASILEIRA NAS OBRAS DE AUTORIA NEGRA	24
3	A IMPLEMENTAÇÃO DA LEI 10.639/2003 CONTRIBUI PARA EDUCAÇÃO ÉTNICO-RACIAIS NA EDUCAÇÃO INFANTOJUVENIL?	28
4	DISCUSSÃO E RESULTADOS	32
5	CONCLUSÃO	46
	REFERÊNCIAS	48
	ANEXOS	51

1 INTRODUÇÃO

O tema escolhido para realizar este trabalho monográfico foi a Inserção da literatura infantojuvenil afro-brasileira nas séries iniciais do ensino fundamental, na Escola Iromar Silva Nogueira, em São Francisco do Conde-BA. O tema nasce pela inquietação sobre a escola ainda se constitui de um ambiente onde as crianças sofrem preconceitos, principalmente na forma como são retratadas as literaturas dispensadas no espaço escolar.

A proposta do Ministério da Educação (MEC) visa à valorização cultural e identitária de cada criança. Tendo em vista RCNEI (Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil), a escola é lugar que promove cultura e, precisa incluir, por meio de ações, a sustentabilidade desta construção histórica já existente, afirmando as características que vincula os costumes e realidades da criança negra. Assim, a literatura afro-brasileira, uma vez inserida no convívio escolar, possibilitará uma visão de respeito e construções positivas deste indivíduo em sua singularidade.

Pontuar este conceito de construção de identidade negra requer um olhar sobre a infância, e adesão do conceito de literatura afro, E esta acolhida devem apontar esse sujeito de direito, que constrói lindas histórias, como figura central do processo de ensino- aprendizagem. Precisamos refletir como a prática pedagógica do professor contribui positiva ou negativamente neste processo.

Assim, este tema vai contribuir para que os educadores pensem na literatura como mecanismo de aprendizagem e valorização dos elementos culturais, sociais, religiosos, que se constituiu nesta mesclagem da cultura africana com a brasileira. Também, favorece um olhar mais atencioso para as crianças negras na valorização do seu processo de formação indenitária.

A construção da identidade do indivíduo perpassa pelas referências que lhes são propostas, o que é belo, adequado, o que lhe é imposto por prestígio. É na infância que começa esta construção, através dos gostos, dos modelos apresentados e referenciais culturais. O autoconhecimento começa no início da vida, na interação com as pessoas do seu convívio. A literatura infantojuvenil afro-brasileira é um modelo que interage com a criança negra no seu processo de construção da identidade, permitindo que esta se veja enquanto protagonista da sua história, como sujeito participativo, reconhecendo seu lugar na sociedade.

Diante do quadro ainda bastante atual, pontuamos por meio desta problematização a urgência da presença da literatura infantojuvenil afro-brasileira nas escolas, já que o livro didático define o currículo em sala de aula, nas práticas do professor, e contribuem para o processo de modular a imagem do negro ainda de forma preconceituosa e excludente. Surge alguns questionamentos:

- Por que alguns professores ainda se sentem inseguros para trabalhar a temática negra em sala de aula?
- Por que falar da cultura negra apenas no 20 de novembro?
- Como ensinar sobre o que não se tem acesso?
- Por que e para quê, a lei 10. 639/2003 foi criada?
- Por que, apesar da lei ter sido criada há 20 anos, ainda não existe um trabalho intensivo nas escolas?
- Por que o ensino da cultura e história afro-brasileira não são encarados com naturalidade como os demais conteúdos, sendo trabalhados de forma multidisciplinar ao invés de alguns períodos em projetos?

Aos questionamentos, se faz necessário trabalhar de forma transversal, respeitando as diferenças e valorizando todo saber social, de vivência do aluno e da comunidade onde está inserido. Perceber por meio de estudo de caso quais os sentimentos das crianças mediante as literaturas que lhes foram apresentadas durante a oficina pedagógica.

O trabalho pretende estudar como a literatura infantojuvenil afro-brasileira pode contribuir para promoção saberes, e no processo de construção da identidade das crianças e adolescentes dos 4.º e 5º ano das séries iniciais do Ensino fundamental I, da Escola Iromar Silva Nogueira, em São Francisco do Conde.

Para alicerçar a pesquisa foram utilizados os seguintes objetivos específicos:

1. Apresentar breve histórico da representação das personagens negras na literatura infantojuvenil afro-brasileira
2. Discutir se a implementação da lei 10.639/2003 de fato contribui para educação étnico-racial na educação infanto juvenil.
3. Perceber por meio de estudo de caso quais os sentimentos das crianças mediante as literaturas que lhes foram apresentadas durante a oficina pedagógica

4. entrevistar professores e alunos procurando identificar quais práticas, materiais didáticos são utilizados em sala de aula no recorte do tema literatura afro- brasileira.

Deste modo percebemos a relevância de estudar a importância da literatura para crianças na infância, fundamentadas em estudo de algumas obras, infantojuvenis afro-brasileiras, para embasar as coletas de dados e estudos de casos, com os professores e alunos da escola Iromar, possibilitando a análise dos pontos propostos pelo tema e obtenção dos resultados coletados, por meio das oficinas realizadas na escola. Em contexto geral vamos pontuar a grande necessidade de avançar com a influência da literatura negra nas escolas, bem como a necessidade da disponibilidade das biografias e divulgação das obras para conhecimento da população acadêmica.

Quanto aos procedimentos técnicos, a pesquisa proposta é uma pesquisa bibliográfica, pois, trata da coleta de material já produzido, ou seja, livros de autores que fundamentem ao meu objeto de estudo. Os elementos de pesquisa encontram-se fundamentados nas leis federais da educação básica e diretrizes do Ministério da Educação(MEC): Lei 10.639/03, DCNEI- Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil, LDB - Diretrizes e Bases da Educação Nacional, RCNEI - Referencial Curricular para Educação Infantil e nas obras de Eliane Debus (2017); Elaine Cavalleiro (2023); Cuti (2010); utilizando a análise de fontes secundárias que abordem o meu tema, para fichamento, anotações dos conteúdos mais importantes que embasem meu trabalho Segundo Gil, “A pesquisa bibliográfica é desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. [...]”.(Gil, 2008, p.28).

A pesquisa proposta é uma pesquisa aplicada pode produzir conhecimentos para serem aplicados em séries iniciais do Ensino Fundamental. É também uma pesquisa explicativa, pois visa explicar a razão e o porquê da relevância da presença da literatura infantojuvenil afro-brasileira nas escolas com crianças e jovens. De acordo com Gil, pesquisas explicativas:

[...]. São aquelas pesquisas que têm como preocupação central identificar os fatores que determinam ou que contribuem para a ocorrência dos fenômenos. Este é o tipo de pesquisa que mais aprofunda o conhecimento da realidade, porque explica a razão, o porquê das coisas [...]. (GIL, 2008, p.28)

Ainda partindo dos procedimentos técnicos a pesquisa também será documental, pois de acordo com tema se faz necessário a citação de leis que decreta o estudo da literatura afro-brasileira nas escolas de Educação de Ensino Fundamental I, a busca de relatos em revistas, livros didáticos e outros documentos. Conforme Gil, “[...] vale-se de materiais que não receberam ainda um tratamento analítico, ou que ainda podem ser reelaborados de acordo com os objetos da pesquisa. Além de analisar os documentos de “primeira mão” (documentos de arquivos, igrejas, sindicatos, instituições, etc.), [...]”. (Gil, 2008, p.45).

Estudo de caso, estudo de um determinado caso específico, numa abordagem metodológica que utiliza a coleta dos dados e delimitação do estudo para análise e interpretação de dados. Para Gil, “Estudo de Caso: consiste no estudo profundo e exaustivo de um ou poucos objetos, de maneira que permita seu amplo e detalhado conhecimento.” (Gil, 2008, p.50).

Quanto à abordagem, a pesquisa será qualitativa, por se tratar de um objeto de estudo de fenômeno social, para compreensão da relação social humana, vista sua validade sobre os aspectos do estudo da literatura infantojuvenil afro-brasileira na escola. Na percepção de Minayo, “[...] a abordagem qualitativa aprofunda-se no mundo dos significados das ações e relações humanas, um lado não perceptível e não captável em equações, média e estatística [...]” (Minayo, 2003, p. 22). Os estudos de caso, são realizados por meio de uma oficina na escola Iromar, com utilização das obras de Kiusam“ Com qual penteado eu vou? (2021)”; e “Meu avô africano” de Carmen Lucia Campos (2019).

2 BREVE HISTÓRICO DA REPRESENTAÇÃO DAS PERSONAGENS NEGRAS INFANTOJUVENIL NA LITERATURA INFANTOJUVENIL

2.1 PERSONAGENS NEGRAS NA LITERATURA BRASILEIRA: OS ESTERÍOTIPOS

Iniciamos o conceito de Literatura Infantojuvenil a partir da perspectiva de Coelho (2000)

Literatura infantil é, antes de tudo, literatura; ou melhor, á arte, fenômeno de criatividade que representa o mundo, o homem, a vida, através da palavra. Funde os sonhos e vida prática, o imaginário e o real, os ideais e sua possível realização / realização... (Coelho, 2000, p. 9).

No final do século XIX, o Brasil passava pela transição da sua forma de governo de Monarquia para República, com o progresso nacional, aonde a classe media estava em ascensão, fato que possibilitou a necessidade da criação de literatura para crianças da burguesia, uma época em que não existiam escritores infantis no Brasil. Surge a necessidade de adaptar obras de repertório adulto para o público infantil.

Decorrente dessa acelerada urbanização que se deu entre o fim do século XIX do século XX, o momento se torna propício para aparecimento da literatura infantil. Gestam-se aí as massas urbanas que, além de consumidoras dos produtos industrializados, vão constituindo os diferentes públicos, para os quais se destinam os diversos tipos de publicações feitos por aqui: as sofisticadas revistas femininas, romances ligeiros, o material escolar, os livros para as crianças (Lajolo, 1984, p. 25).

A nova concepção do conceito de criança, no século XVII, possibilita uma criação de literária totalmente voltada para o público infantil, o que não funciona a princípio, pois a produção ainda não era acessível. Assim, a partir dos anos de 1908, o escritório Albert Figueredo Pimentel faz adequação dos modelos europeus, com traduções dos contos de Perrault, dos irmãos Grimm e de Andersen, em obras como *Contos da Carochinha*, *Histórias da Avozinha*, *Histórias da Baratinha*.

Somente em 1920 teremos de fato uma obra infantil nacional escrita por Monteiro Lobato intitulada. "A menina do Narizinho Arrebitado", que também se centraliza nos ideias europeus. Em meados do mesmo século, as personagens negras começam a aparecer, mas infelizmente a imagem do negro ainda era retratada negativamente. Vejamos a seguir alguns trechos com falas racistas das obras do Monteiro Lobato:

NAQUELLA casinha branca, — lá muito longe, móra uma triste velha, de mais de setenta annos. Coitada! Bem no fim da vida que está, e tremula, e cata cega, [...]. Todo o mundo tem dó d'ella: — Que tristeza viver sozinha no meio do matto... Pois estão enganados. A velha vive feliz e bem contente da vida, graças a uma netinha órfã de pai e mãe, que lá morades 'que nasceu. Menina morena, de olhos pretos como duas jaboticabas — e reinadeira até allí!... Chama-se Lucia, mas minguem a trata assim. Tem appellido. Yayá? Nenê? Maricota? Nada disso. Seu appellido é "Narizinho Rebitado", — não é preciso dizer por quê. Além de Lucia, existe na casa a tia Nastácia, uma excellente negra de estimação, e mais a Excelentíssima Senhora Dona Emilia, uma boneca de panno, fabricada pela preta e muito feiosa, a pobre, com seus olhos de retroz preto e as sobranceiras tão lá em cima que é ver uma cara de bruxa. (Lobato, 1920, p.6)

Em seu livro intitulado Peter Pan. D. Benta, vai inchar o conto, Nastácia, que está na cozinha a lavar as panelas, pede que D. Benta a espere, pois tem interesse em ouvir a história, Emília retruca "bombagem! Para que uma cozinheira precisa saber a história de Peter Pan?". Mostrando que o negro como não intelectual, incapaz de compreender uma história infantil, pois não faz parte não seu repertório

Dona Benta é retratada por Lobato como um a mulher culta, leitora até em outro idioma, que tinha acesso a livros. Monteiro afirmar“ escreveu a uma livraria de S. Paulo pedindo que lhe mandasse a história do tal Peter Pan:

— Dona Benta disse que folk quer dizer gente, povo; e lore quer dizer sabedoria, ciência.
Folclore são as coisas que o povo sabe por boca, de um contar para o outro, de pais a filhos — os contos, as histórias, as anedotas, as superstições, as bobagens, a sabedoria popular, etc. e tal. Porque pergunta isso, Pedrinho (Lobato, 2008, p.1)

Os livros de Lobato conta com várias passagens pejorativas sobre a Anastácia como mulher negra: cozinheira, doméstica, babá... do sítio do Pica Pau Amarelo. Em muitas de suas obras aparecem trechos racistas, que caracterizam a Tia Anastácia. Em seu conto, histórias de Tia Nastácia, Monteiro utiliza a Emília para expressar suas falas carregadas de preconceito e discriminação:

Tia Nastácia ignorância em pessoa. Isto é ignorante, propriamente, não. Ciência e mais coisas dos livros, isso ela ignora completamente. Mas nas coisas práticas da vida é uma verdadeira sábia. Para um tempero de lombo, um frango assado, um bolinho, para curar uma cortadura, para remendar meu pé quando a macela está fugindo, para lavar e passar roupa. Para as mil coisas de todos os dias, é uma danada!

Eu vivo brigando com ela e tenho lhe dito muitos desaforos- mas não é de coração lá por dentro gosto ainda mais dela do que os seus afamados bolinhos.

Só não compreendo por que Deus fez uma criatura tão boa e prestimosa nascer preta como carvão[...]. (Lobato, 1958,p.90,91).

A linguagem não é ingenua, sempre interferindo na construção da realidade, assim precisamos problematizar a linguagem, permitir que as nossas crianças e jovens reflitam sobre as falas de Monteiro, mas também possibilitar a literatura de autoria negra como a forma dessas crianças e jovens se sentir representada na sua subjetividade.

Emília torceu o nariz.- essas histórias folclóricas são bastante bobas. Por isso é que não sou nada 'democrática'! Acho o povo muito idiota..." (Lobato, 2022, p. 13).

— Eu também acho muito ingênua essa história de rei e princesa e botas encantadas — disse Narizinho. — Depois que li o Peter Pan, fiquei exigente. Estou de acordo com Emília.(Lobato, 1958, p. 13).

Peter Pan é uma história inglesa traduzida pela por D. Benta, “uma mulher culta”, que traduz a história para língua portuguesa aos ouvintes ali presentes. Percebe-se por parte do autor à exaltação a cultura europeia, pois a produção não é nacional. A valorização da norma culta e da produção escrita.

As injúrias raciais sofridas por pelo negro, é muitas das vezes justificadas, pelo argumento discursivo lógico dos personagens, que cometem tais malezas. A Nastácia além de uma simples doméstica, não tem cultura, nem conhecimento. Vitima de um erro de Deus ao tê-la feito diferente do padrão superior, que apresenta fenótipos contrários ao padrão considerado belo pela massa branca. Não só desprovida de ascensão social, e cultural, como cognitiva. Em outro momento no conto, Lobato continua a imprimir suas ideias sobre o negro:

Pois cá comigo – disse Emília – só aturo estas histórias como estudos da ignorância e burrice do povo. Prazer não sinto nenhum. Não são engraçadas, não têm humorismo. Parecem-me muito grosseiras e até bárbaras – coisa mesmo de negra beijuda, como Tia Nastácia. Não gosto, não gosto, e não gosto! (Monteiro Lobato, 1957, p. 30).

Bem se vê que é preta e beijuda! Não tem a menor filosofia, esta diaba. Sina é o seu nariz, sabe? Todos os viventes têm o mesmo direito à vida, e, para mim, matar um carneirinho é crime ainda maior do que matar um homem. (...) A boneca botou-lhe a língua. (*Idem*,p.132).

Em uma das passagens do conto, Pedrinho diz está com água nos beiços ao ouvir tia Nastácia falar dos beijos, Emília, logo, retruca “— Beiço é de boi — protestou

Emília. — Gente tem lábios”. (p.54). Monteiro fere e nega subjetividade da Nastácia, comparando-a como animal. A discriminação e o preconceito nas obras de Monteiro, visibiliza sua postura enquanto homem branco, que infere em seus discursos, um conceito de raça inferior e subalterna.

Já na segunda década do século XX, o Modernismo retoma veementemente as ideias de se caracterizar uma nacionalidade literária, buscando na população pobre e nos índios a sua inspiração. Mas desses segmentos sociais quer tão somente as manifestações folclóricas, não seus conflitos. Assim, encontra motivos para experimentações de linguagem, restabelecimento de mitos, superstições, danças, músicas e religiosidade.(CUTI, 2010, p. 12).

A Tia Nastácia é trada por Lobato em seus contos de maneira subalternizada, sem cultura, onde crianças ridiculizaram uma mulher negra, e os adultos brancos acham engraçado e natural ser trada desta forma, protuberando o conceito de negro como classe inferior.

Que é o povo? São essas pobres tias velhas como Nastácia, sem cultura nenhuma, que nem ler sabem e que outra coisa, não fazem senão ouvir as histórias de outras criaturas igualmente ignorantes, e passá-las para outros ouvidos, mais adulterados ainda (Lobato, 1957f, p. 29).

Neste contexto percebe-se que o objetivo é levar a criança negra a aceitar-se como subalterna, rejeitada, incapaz, inferior, não sendo percebido nem se percebendo nas belezas prescrita pela massa branca e modelos de educação euro centrada. Não obstante, aos dias atuais a civilização da época era totalmente excludente e brutal. De acordo com Azevedo in; Zilberman:

Em livros de história, aparentemente ingênuos ou em deliciosos contos de fada, não é difícil perceber, através da trama, dos personagens e dos diálogos, se não do próprio assunto, a classe a que os autores pertencem ou que representam, com suas concepções, devida, seus valores e seus preconceitos. (Azevedo In; Zilberman,1988: 336).

No final do século XX COMO JA MENCIONAMOS EM cUTI, começam a aparecer literaturas nacionais com a presença de crianças negras protagonizando as histórias, embora algumas destas obras ainda sofreram censuras, como “Menina Bonita do Laço de Fita, de Ana Maria Machado (1988),

A escritora mostra seus traços físicos com muita beleza, contudo ainda se percebe nas estrelinhas, muito preconceito e racismo, primeiro que a menina, sua mãe e a sua avó não são apresentadas pelo seu nome, "menina bonita do laço de fita(p.8,10,12). "quando a mãe dela que era uma mulata linda e risonha[...]. Artes de uma vó preta que ela tinha(p. 15)."

Outro ponto a observar o tratamento que mãe e a menina recebem nas falas da autora, são totalmente pejorativas“ quando a mãe dela, que era uma mulata linda e risonha, resolveu se meter e disse:(p.15). - Artes de uma avó preta que ela tinha...”. Machado reafirma o silenciamento do negro pela marca da cor de pele.

Segundo ponto: as respostas da menina tentam justificar o porquê de ser preta, sua primeira resposta faz alusão ao ser negro é simbolo de sujeira:

- Menina bonita do laço de fita, qual é o teu segredo para ser tão pretinha? A menina não sabia, mas inventou:
- ah deve ser porque eu caí na tinta preta quando era pequenina...
- ah, deve ser porque eu tomei muito café quando era pequenina..
- ah, deve ser porque eu comi muita jabuticaba quando era pequenina. A menina não sabia e... já ia inventando outra coisa, uma história de feijoada. Aí o coelho, que era bobinho, mas nem tanto[...]. (Machado, 1998, p.8, 10, 12, 15, 16).

A menina ainda é apresentada como a garota que faz maldades com o coelho que fica, com dor de barriga, sem sono. A temática também se estende no nascimento dos filhotes, apenas um nasceu de cor preta, como se fosse um tipo de seleção:

E se ele queria ter uma filha pretinha e linda que nem a menina, tinha era que procurar uma coelha preta para casar. Não precisou procurar muito. Logo encontrou uma coelhinha escura como a noite que achava aquele coelho branco uma graça. Foram namorando, casando e tiveram uma ninhada de filhotes, que coelho quando desanda a ter filhote não para mais! Tinha coelhos de todas as cores: branco, branco malhado de preto, preto malhado de branco e até uma coelha bem pretinha.(Machado, 1998, p,15,16).

O debate se funde por estas literaturas ainda ter ascensão nos espaços educacionais. Lobato, por exemplo, é renomado e consagrado na literatura brasileira. A LEI No 10.402, DE 8 DE JANEIRO DE 2002. Art. 1.º Fica instituído o Dia Nacional do Livro Infantil, a ser comemorado, anualmente, no dia 18 de abril, data natalícia do escritor Monteiro Lobato. Estas obras que ainda permeiam os espaços escolares, onde filhos de pretos e pretas que ainda vivem em condições desfavoráveis a massa branca

elitizada (como é caso de mães que trabalham como secretarias do lar), são identificados pela própria história como raça (inferior, sem cultura...

Cuti (2010), vai ressaltar que somente em meados do século XIX os vanguardistas da literatura negra conseguem romper com invisibilidade e o silenciamento histórico dos negros. “[...] Luiz Gama, Cruz e Sousa e Lima Barreto exprimiram em alguns de seus textos o desconforto em face do preconceito racial, nas últimas décadas do século XIX e nas primeiras do século XX, [...]” que conseguiram romper com invisibilidade e o silenciamento histórico dos negros. De uma forma envolvente, o autor nos convida a viajar no cenário histórico da figura do negro na literatura brasileira, em um debate que possibilita ao leitor traçar a figura do negro, retratado na literatura por diversos escritores no decorrer do tempo.

Já na segunda década do século XX, o Modernismo retoma veementemente as ideias de se caracterizar uma nacionalidade literária, buscando na população pobre e nos índios a sua inspiração. Mas desses segmentos sociais quer tão somente as manifestações folclóricas, não seus conflitos. Assim, encontra motivos para experimentações de linguagem, restabelecimento de mitos, superstições, danças, músicas e religiosidade. (Cuti, 2010, p. 12).

Cândido vai ressaltar que “[...] a literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas” (CÂNDIDO, 2004, p.175). Para Cândido a literatura está presente no tempo e espaço de vivência do ser humano, tendo a função humanizadora, que possibilita vivenciar diversas instâncias da realidade social. Em concordância com o autor dialogamos com Dalcastagnè:

O universo da representação é de amplo conhecimento de quem a consome, seja via experiência empírica, ou em via mídia. W.Mitchell (1995) esquematiza a representação a partir de dois eixos, aquele que liga a representação à coisa em si - o eixo da representação -e outro, o eixo da comunicação, que conecta o autor ao leitor, formando um quadrilátero. Assim, traçando das linhas dentro deste que quadrado, tanto já assumidos o que verossimilhante nas representações dos nossos pares, como já presumimos uma verossimilhança para a vida de um outro [...] (Dalcastagnè, 2011, p.20).

A Autora chama a atenção para certos modos como se constroem os discursos, e as estratégias utilizadas que envolve a interação entre o sujeito e suas emoções, neste sentido mostra que o papel da literatura, autoanunciadora de memórias e histórias de

vidas afetadas pelas narrativas. A sensação de se sentir representado na literatura traz a ideia de pertencimento, contudo ainda em meados do século XX, Jovino denuncia que:

[...] somente a partir de 1975 é que vamos encontrar uma produção de literatura infantil mais comprometida com outra representação da vida social brasileira; por isso, podemos conhecer nesse período obras em que a cultura e os personagens negros figurem com mais frequência. O resultado dessa proposta é um esforço desenvolvido por alguns autores para abordar temas até então considerados tabus e impróprios para crianças e adolescentes como, por exemplo, o preconceito racial. O propósito de uma representação mais de acordo com a realidade, nem sempre é alcançado. Embora muitas obras desse período tenham uma preocupação com denúncia do preconceito e da discriminação racial, muitas delas terminam por apresentar personagens negros de um modo que repete algumas imagens e representações com as quais pretendiam romper. Essas histórias terminavam por criar uma hierarquia de exposição dos personagens e das culturas negras, fixando-os em um lugar desprestigiado do ponto de vista racial, social e estético. Nessa hierarquia, os melhores postos, as melhores condições, a beleza mais ressaltada são sempre da personagem feminina mestiça e de pele clara. (Jovino,2006: 187)

A literatura, como prática simbólica, referencia uma realidade, que postula construção de saberes e formação da identidade, a partir do mundo imaginário para o real. Esse movimento se concretiza pela rerepresentação dos signos e significados. Segundo Coelho (2000, p. 15), “a literatura, em especial a infantil, tem uma tarefa fundamental a cumprir nesta sociedade em transformação: a de servir como agente de formação, seja no espontâneo convívio leitor/livro, seja no diálogo leitor/texto estimulado pela escola”. (Coelho, 2000, p. 15) Neste sentido, a escola tem a responsabilidade de cumprir decreto da Lei 10.639/2003, possibilitando ao educando o acesso ao conhecimento da cultura negro no Brasil, uma vez legitimada pela Lei em vigor, que tornou obrigatório nos currículos escolares o ensino da cultura afro brasileira.

Ao observar a construção da literatura infantil percebemos, a relevância tanto da escrita como da imagem. Desta forma, as representações impostas nessas obras podem contribuir positiva ou negativamente para formação da cidadania das crianças e adolescentes. A evidência da violência contra as crianças negras na história e escrita dos contos infantojuvenis de autoria branca, nos faz refletir a importância da literatura infantojuvenil a afro-brasileira nas escolas.

2.2 O CONCEITO DE LITERATURA INFANTOJUVENIL AFRO-BRASILEIRA E A ASCENSÃO DA CRIANÇA NEGRA BRASILEIRA NAS OBRAS DE AUTORIA NEGRA

A literatura infanto juvenil afro-brasileira se conceitua pela sua formatação do lugar de fala e escrita, que exalta a cultura, a história, o protagonismo e a ancestralidade de crianças e jovens negros.

As literaturas de autorias afro-brasileira e negro, possibilita a reflexão e debate nos espaços acadêmicos, a elevação do negro e construção da sua identidade. Eliane Debus em sua obra intitulada “A Temática da cultura africana e afro-brasileira na literatura para crianças e jovens”, ressalta um cenário de apreciação da diversidade étnico-racial.

A mãe apresentada por Debus tem sentido figurado, representa a identidade, essa grande mãe, a nossa ancestralidade. A escolha das obras pela escritora, se fomenta pelo fato dos autores serem negros, citado por Chimamanda “da cor de chocolate”.(p.14). Um lugar de suas memórias, dos seus ancestrais e da sua cultura. Ribeiro (2017,p.47), enfatiza que “pensar lugar de fala é uma postura ética, pois”saber o lugar de onde falamos é fundamental para pensarmos as hierarquias, as questões de desigualdade, pobreza, racismo e sexismo”.

Debus se utiliza da retórica de Umberto Eco, em seu discurso Sobre algumas funções da literatura, evidencia que a língua, a manutenção da língua como patrimônio. Ele afirma que “a língua vai para onde quer, mas é sensível às sugestões da literatura” (Eco, 2003, p. 12), ou seja. Eco evidencia a contribuição da literatura para a formação da língua, e acrescenta que tal função “cria identidade e comunidade” (Eco, 2003, p.13).

Em um papel funcional e hipotético da sua pesquisa, a autora busca, dentro da literatura, “problematizar reflexões sobre as práticas antirracistas para o universo da infância”. A autora conversa com leitor apontado dados significativos a temática negro e afro-brasileira à faixa etária infantil e juvenil, contudo seus relatos não são conclusivos, possibilitando ao autor a construir o seu próprio discurso. Assim busca na sua tese apontar as contribuições da literatura afro-brasileira para jovens e crianças, que contribuiriam para sua tese, apresentados pelas implicações de quatro autores: Joel Rufino dos Santos, Rogério Andrade Barbosa, Júlio Emílio Braz e Georgina Martins:

- Joel Rufino dos Santos, traz a valorização da oralidade, destacada pelas histórias ouvidas de seus ancestrais. Com um acervo colhido direto da fonte e

armazenado em seus arquivo e pelas pesquisas das histórias raízes brasileiras, começa a escrever para crianças em, 1970, na revista recreio. (Debus,2017)

- Júlio Emílio Braz- ressalta a importância das histórias das narrativas e as marcas relevantes que cada história traz dos narradores. Refletindo conflitos das crianças negras, marcada desvalorização, nas exposições de esmagagens que se reproduzem nas literaturas.

- Georgina Joel Rufino dos Santos, da poesia para denunciar, os perigos recorrentes que a criança negra pode sobre nesta sociedade brasileira.

- Rogério Andrade Barbosa, traz para a sociedade brasileira as ricas histórias colhidas na África, em Guiné, que -lhes foram transmitidas através da oralidade. Uma fonte rica informações, permitindo ao leitor mergulhar nesta linda aventuras, que encanta, e conecta o leitor negro a sua ancestralidade. O auto se utiliza das vivências deste lugar de fala, colhidas dos próprios protagonistas.

A tese de doutorado de Elaine Cavalleiro (2023) intitulada “Do Silêncio do Lar ao Silêncio Escolar: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil”, denuncia as violências sofridas pelas crianças negras em sala de aula por meio da discriminação e racismo, que maioria das vezes são silenciadas pela própria escola. Ao dialogamos com Cuti percebemos que o mesmo prefere distinguir o conceito da literatura para negros da literatura clássica de autoria branca, como literatura negro ao invés de literatura afro-brasileira, contudo não pretendemos aqui discriminar qual das nomenclaturas de literatura para negros é a mais relevante, o que queremos problematizar, se figura no fato da literatura negra ou afro-brasileira, se caracterizar por uma escrita por negros a partir de suas próprias vivências.

Cuti (2010, p.12), enuncia que “A luta entre escravizados e escravizadores mudou sua roupagem no biombo do século XIX para o século XX, mas prossegue com suas escaramuças, porque a ideologia de hierarquia das raças continua [...]”.

A militância dos movimentos negros no Brasil tem denunciado e problematizado a concepção de igualdade social, através dos diversos movimentos, pesquisas, projetos, dentre outros meios, visando a ascensão das pessoas negras nos espaços acadêmicos, no trabalho e demais camadas sociais. De acordo com Cuti:

O surgimento da personagem, do autor e do leitor negro trouxe para literatura brasileira questões atinentes à sua própria formação, como a incorporação dos elementos culturais de origem africana no que diz respeito a temas e formas,

traços de uma subjetividade coletiva fundamentados no sujeito étnico do discurso, mudanças de paradigma crítico literário noções classificatórias e conceituações da obra de poesia e ficção”. (Cutí, 2010, p. 12).

Essa representação, ainda possibilita as discussões sobre a questão das relações raciais, nesta perspectiva a literatura infantojuvenil de representatividade negra, vai possibilitar o diálogo entre a obra e o leitor, permitindo que crianças e jovens experienciem situações que façam sentido a sua vida. Essa visão ira agregar valores de representatividade positiva e saudável, rompendo com os esteriótipos ainda muito presente nos nossos dias atuais, um fator importante na construção da identidade. Cuti ainda resalta:

Os sentimentos mais profundos vividos pelos indivíduos negros são a porte para a verossimilhança da literatura negro-brasileira”. [...] “O sujeito étnico negro do discurso enraíza-se, geralmente, no arsenal de memória do escritor negro. E a memória nos oferece não apenas cenas do passado, mas formas de pensar e sentir, além de experiências emocionais”. (Cutí, 2010, p. 80, 82).

As imagens de representatividade que aparecem nas atuais literatura é de grande relevância para formação identitária das crianças e jovens negros, pois permite conceitos positivos sobre a sua imagem.

Podemos aqui citar alguns do montante de literaturas de autoria negra infantojuvenil:

- Amoras - Emicida
- Bentina - Nilma Lino Gomes
- Com qual penteado eu vou? -Kiusam de Oliveira
- O pequeno principie preto - rodrigo franca
- Black Power de Akin - kiusam de oliveira
- O Mundo no Black Power de Tayó - kiusam de oliveira
- Meu crespo é de rainha beel hooks
- Meu avô africano- Carmem lucia campos
- O coração do baobá- Heloisa Pires Lima
- meninas negras- Madu costa
- Koumba e o tambor Diambê -Madu costa
- Que cor é a minha cor? - Martha Rodrigues

Diante das pesquisas percebemos um grande montante da literatura infantojuvenil afro-brasileira, mas que ainda enfrenta grandes desafios de acessibilidade e efetivação, principalmente nos espaços escolares. O resultado desta pesquisa revela significativa contribuição para a construção da identidade ético-racial na infância.

3 A IMPLEMENTAÇÃO DA LEI 10.639/2003 CONTRIBUI PARA EDUCAÇÃO ÉTNICO-RACIAIS NA EDUCAÇÃO INFANTOJUVENIL?

A promulgação da Lei 10.639/2003, de janeiro de 2003, não se trata de uma dádiva, mas um direito conquistado por um longo processo de luta contra a discriminação racial, e pela constante busca de valorização da cultura afrodescendente. As diretrizes nacionais da educação estabelecem que a partir da criação da lei, que o estudo da cultura afro-brasileira passa a ser imposto nos currículos escolares.

O documento ressalta que o espaço de formação cidadã e transformação social precisa confrontar qualquer forma de preconceito e discriminação. Diante desta veracidade, ressaltamos que apoiada com a Lei 10.639/2003, ficou estabelecido o 20 de novembro, como dia da consciência negra, em homenagem ao líder dos quilombos dos palmares, Zumbi dos Palmares.

A data comemorativa do dia da consciência negra é uma conquista de marco histórico, onde negros lutaram com muita resistência contra a escravidão no Brasil, que durou mais de 300 anos. Uma das formas de resistência foram a criação dos Quilombos. Dos mais destacados, evidenciamos aqui o Palmares, a quem a data de 20 de novembro, ficou instituído oficialmente pela lei n.º 12.519, de 10 de novembro de 2011, que faz alusão ao líder Zumbi dos Palmares, data em que o guerreiro foi morto em 1695. Benjamim destaca que:

A verdadeira imagem do passado perpassa, veloz. O passado só se deixa fixar, como imagem que relampeja irreversivelmente, no momento em que é reconhecido. "A verdade nunca nos escapará" — essa frase de Gottfried Keller caracteriza o ponto exacto em que o historicismo se se- para do materialismo histórico. Pois irrecuperável é cada imagem do presente que se dirige ao presente, sem que esse presente se sinta visado por ela. (Benjamim, 1994, p. 224)

As escolas têm por iniciativa projetos e suas culminâncias pensados em proximidade com a data comemorativa, mas no geral não é aderido um trabalho multidisciplinar e multicultural, onde estejam inseridos a proposta no currículo. Escolar e no PPP (Projeto Político Pedagógico). Isso implica dizer que trabalhar projetos africanidades de forma superficial, é traçar novos caminhos para o preconceito e o racismo, onde somente em datas específicas são tratados a temática, não atrelados aos

eixos temáticos desenvolvidos no cotidiano escolar, pois aí estão embutidos o silenciamento da educação ético racial.

O nome de Zumbi, inclusive, é sugerido nas Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana como personalidade a ser abordada nas aulas de ensino básico como exemplo da luta dos negros no Brasil. Essa sugestão orienta-se por uma das determinações da lei n.º 10.639, que diz no Art. 26-A, parágrafo 1º:

O conteúdo programático a que se refere o caput deste artigo incluirá o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil. (Brasil, 2003)

A educação precisa promover a exaltação das personalidades negras no espaço escolar, sua ascensão nos diversos seguimentos da sociedade, resgatando as contribuições do povo negro para a formação do povo brasileiro.

Para além das questões aqui já discutidas, a própria lei fere seus princípios e possibilita a problematização da sua autenticidade, quando sanciona no Art. 26-A. Nos estabelecimentos de **ensino fundamental e médio**, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira”. A proposta da lei, deveria de fato buscar incluir, visto que a lei deixa lacunas, onde vários segmentos educacionais não são citados como **a educação infantil**.

Em conceitos democráticos, deveríamos pensar a educação como direito de todos como infere a lei. Daí caímos na ilusão/armadilhas ao compreender se a lei foi o suficiente? Mas em m termos mais concretos, viabilizamos que buscar incluir, ainda pleiteia por políticas públicas afirmativas mais concretas, que abrace a todos sem distinção. Para validar a nosso discurso observemos o que diz a lei.

Em 09 de janeiro de 2003 entrou em vigor a Lei Federal 10.639 que alterou os artigos 26-A e 79-B, da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) nº 9.394/96 determinando a obrigatoriedade de estudos relacionados à temática acima, passando a vigorar com as seguintes modificações.

Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro Brasileira.

§ 1º O conteúdo programático a que se refere o caput deste artigo incluirá o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinente à História do Brasil.

§ 2º Os conteúdos referentes à História e Cultura Afro-Brasileira serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística e de Literatura e História Brasileiras.

Art. 79-B. O calendário escolar incluirá o dia 20 de novembro como Dia Nacional da Consciência Negra (BRASIL, 2003).

A lei deixa claro que sua obrigatoriedade se estabelece na proposta para o ensino fundamental e médio. Questionar sobre a percepção dos diversos sujeitos que atravessam a escola, significa pensar como a escola deve organizar seu currículo, com práticas pedagógicas que insira as diversidades, igualdade de direito para todos. Desta forma, pensar infância, significa entender a relevância desta faixa etária para o seu pleno ecodesenvolvimento, sendo nesta fase que começa a construção da identidade, das habilidades cognitivas e sociais, e todo o processo vai contribuir para autoestima do futuro adulto que se tornarão. Gomes ressalta:

Estamos diante de um contexto que vai além da implementação de uma legislação que responda às demandas históricas de um movimento social. A Lei 10.639/03 faz parte das políticas de ação afirmativa. Estas têm como objetivo central a correção de desigualdades, a construção de oportunidades iguais para os grupos sociais e étnico-raciais com um comprovado histórico de exclusão e primam pelo reconhecimento e valorização da história, da cultura e da identidade desses segmentos (Gomes, 2013, p. 79).

Promover a educação antirracista, é oportunizar dignidade, valorização, reconhecimento, sem marcas de hierarquização e diferenças, postulados pelo mito da falsa democracia racial, sofridos por muitos jovens e crianças. Contestando sua invisibilidade do protagonismo negro nos livros didáticos e, a falta de acesso à literatura negro infantojuvenil nas escolas, essas são algumas das transgressões que o Ministério da Educação (MEC) comete, que vai ao encontro do que decreta a lei.

Com a democracia jurídica, o esforço para alterar as mentalidades encontrou grande apoio, porém as noções cristalizadas de superioridade racial mantêm-se renitentes, e os argumentos de exclusão racista persistem para impedir a partilha do poder em um país étnica e racialmente plural. E a literatura é poder, poder de convencimento, de alimentar o imaginário, fonte inspiradora do pensamento e da ação. (Cutí, 2010, p. 12.)

Em concordância com o autor, os modelos ainda impostos nas escolas estão centralizados nos ideias eurocêntricos, onde a política de embranquecimento ainda permeia os espaços educacionais, um fato ignorado por muitos caducadores, o que nos leva refletir, quais referencias ainda são apresentados aos nossos jovens e crianças. Que são os patrogonistas das histórias apresentadas e este publico.

A partir desta percepção podemos considerar o conceito de infância a partir das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI) propõe criança:

Sujeito histórico e de direitos que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivência, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura. (Brasil, 2010, p. 1)

A infância é a fase em que começa a construção da identidade, através dos gostos, dos modelos apresentados e referenciais culturais. Assim, esse autoconhecimento começa no início da vida, na interação com as pessoas do seu convívio, sendo perceptível que o texto literário possibilita a criança, vivenciar diferentes emoções e sentimentos que também impactaram no seu processo de construção da identidade.

4 DISCUSSÃO E RESULTADOS

Os resultados obtidos foram decorrentes de duas ações: de entrevistas com professores da escola, e com os alunos dos 4º e 5º ano, e de uma oficina pedagógica realizadas, com os alunos destas duas turmas, do Ensino Fundamental da Escola Iromar Silva Nogueira, na Comunidade do Caípe, na cidade de São Francisco do Conde-Bahia. “A Entrevista é um mecanismo que favorece a aproximação do sujeito para recolher, de modo discursivo, o que ele pensa sobre um determinado fato” (Zanette, 2017, p. 167).

Segundo professores entrevistados, a trajetória histórica do negro é estudada somente em datas comemorativas, mas os alunos responderam que não é estudada. Ambas as classes responderam que a temática negro não é uma realidade no currículo escolar da escola em estudo, e que não tem acesso aos livros de autoria negra, pois a escola não possui biblioteca, nem sala de leitura, e poucos livros que tem no ambiente, não inclui as literaturas infanto juvenil afro-brasileiras. Para todo grupo entrevistado, o racismo deve ser tratado pedagogicamente pela escola.

Os professores enfatizaram que em caso de situação de racismo, repensa sua prática pedagógica, já os alunos responderam que os professores posicionaram de forma neutra, mas ambos acreditam que a linguagem utilizada na escola tem poder de influir sobre as questões de racismo e discriminação.

Quanto à literatura infantojuvenil afro-brasileira, os professores e alunos afirmaram que a escola não possui biblioteca, sala de leitura, nem literaturas afro-brasileira para jovens e crianças. Quanto a capacidade dos professores quanto a questão racial, segundo eles, ainda não tiveram a oportunidade de estudar sobre o assunto. Na representatividade nas literaturas apresentadas em sala de aula, alunos responderam que não se sentem representados, os professores responderam que os alunos se sentem representados em parte, pois existe a diversidade étnica racial. E afirmaram a importância da literaturara negra afro-brasileira para construção e valorização identitária das crianças e jovens da escola.

Outra estratégia de pesquisa foi a realização de uma oficina com duas turmas da escola Iromar: 4º ano com 20 alunos, regido pela professora Juliana, a docente tem formação em pedagogia há 9 anos. E a outra turma do 5º com 19 Alunos da professora Gilvânia, a profesora tem formação em Comunicação Social, Jornalismo, Pedagogia e leciona Metodologia do ensino Superior.

Figura 1 – Realização da Oficina



Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora (2023)

No primeiro contato com as crianças dos 4^o e 5 anos foram anexadas no quadro branco, imagens de meninos e meninas brancas e negras. Solicitei que elas desenhassem seu autorretrato, observando a imagem que parecem mais com a foto delas, ou com a qual criança elas gostariam de parecer. Os resultados foi o seguinte: Das 16 crianças presentes do 4^o ano, 10 desenharam o perfil negro, outras 6 desenharam crianças brancas, mesmo alguns tendo a pele retinta. Um menino de pele retinta se identificou como criança branca, demonstrou no seu autorretrato os traços de branqueamento.

No 5^o ano, fizemos a mesma dinâmica de desenhar o autorretrato. Nesta turma, dos 15 alunos presentes, apenas 2 desenharam crianças brancas, inclusive uma menina escreveu sobre o desenho que fez de uma criança loira com cabelos lisos e cumpridos: “eu queria ser ela, mas não sou”. A outra criança me pediu uma das imagens, dentre as que levei, escolheu a imagem de um menino de olhos azuis, pele branca e cabelos lisos. Na turma do quinto ano percebemos situações de racismo, onde meninos teceram comentários terríveis sobre os cabelos crespos de uma menina.

O corpo e o cabelo são tomados como expressões da identidade negra. A criança, ao sentir o desejo de parecer-se com outro negando a si, é reflexo dos modelos que lhes são impostos, que possibilita a reprodução dos modelos a elas apresentados.

A análise nos permite perceber o quanto é imprescindível que as crianças negras vivenciem no seu cotidiano escolar modelos que comunguem com sua realidade. Este processo produz um impacto imensurável que permite a criança valorizar a sua ancestralidade.

Souza, Lopes e Santos (2007, p. 3) afirmam:

No cotidiano escolar, a criança constrói seu autoconceito a partir da maneira como é vista pelo seu professor, seus colegas e demais funcionários da instituição. A maneira como cada criança se vê, depende também, do modo como é interpretada pelos outros que convivem com ela. Os julgamentos e comparações têm um grande impacto no início da construção de sua identidade.

A escola, ao escolher os livros que serão trabalhados, precisam pensar em literaturas não excludentes e, que alcance a diversidade, onde crianças e jovens negros se sintam representados tanto em sua singularidade, como possam perceber a diversidade cultural e étnica existente no nosso país.

Outra situação a observar foram que as crianças que se identificaram como brancas, solicitaram “o lápis cor da pele”. Fizemos um momento de diálogo, apontando a beleza negra, e buscamos desmistificar esta questão do “lápis cor da pele”. Mostrando a diversidade étnica existente no Brasil.

Figura 2 – Produções das crianças que se identificaram negras



Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora (2023)

O princípio de reconhecer-se enquanto criança negra, se dar na importância de se aceitar enquanto pertencente de um grupo.

Figura 3 – Produções das crianças pretas que se identificaram como brancas ou com traços de branqueamento



Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora (2023)

A rejeição de se aceitar como afro-descendente, relevada no pensamento do ativista Steve Bik, enfatizado pela agência de notícias Alma Preta mostra que ser negro vai além da cor da pele:

Ser negro não é apenas reflexo de uma pigmentação na pele ou de traços físicos negros, como a textura do cabelo, o formato do nariz, a grossura dos lábios. Essas características, suficientes para a pessoa ser uma “não-branca”, são insuficientes para definir a pessoa enquanto negra. (Alma Preta 2017).

A escola precisa avançar neste requisito e promover a educação étnico-racial, resistir a toda forma de racismo, e as violências de caráter não só físico e verbal, mas também epistemológico.

No segundo momento li para os alunos do 4º obra da Kiusam “Com qual penteado eu vou?”. As crianças ficaram muito entusiasmadas com a história, teceram diversos comentários positivos: “amei a história, que menina linda, que penteado massa”. Depois separamos a turma em 3 grupos, foi realizado a listagem dos nomes africanos e seus significados, a lista de virtudes presenteadas ao bisavô da história, e na outra

equipe fizeram os desenhos representando a ancestralidade. Para Eduardo Oliveira, a “ancestralidade é um tempo difuso e um espaço diluído”. (Oliveira, 2007, p. 245). São memórias que remotam as raízes de um povo.

Figura 4 – Capa do livro com qual penteado eu vou



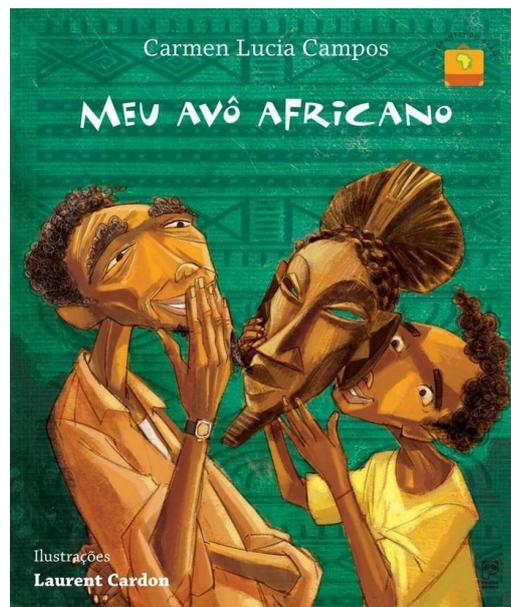
Fonte: <https://www.amazon.com.br/Com-qual-penteado-eu-vou/dp/6555392991>

No segundo encontro, foi feita as entrevistas com os alunos e professores, e logo após retomamos as atividades práticas, onde as crianças se reuniram em dupla e fizeram a releitura dos penteados do conto, depois colocamos algumas músicas de origem africanas para as crianças ouvirem, cantar e dançar. A partir do diálogo introduzir a leitura do conto “meu avô africano” para os alunos do 5º ano, esta obra conta a história de Vitor que questiona seu avô, o porquê de ter recebido um sobrenome africano, um diálogo que fará com que o menino vivencie uma bela aventura viajando com seus antepassados e no final com auxílio do avô e da tia, apresenta na escola um lido trabalho sobre a riqueza da cultura africana.

No desenrolar da história, destacando a beleza negra e as ricas contribuições dos povos africanos, para formação da cultura afro-brasileira. Junto aos alunos destacamos vários elementos da cultura africana, que está presente no nosso cotidiano: culinária, vocabulário e outros. Enfatizamos ascensão de negros na mídia, na arte, na política, no esporte e na literatura. A literatura meu avô, africano conta a história de Vitor que questiona seu avô, para saber o porquê ter recebido um sobrenome africano, uma conversa que fará, que o menino vivencie uma bela aventura viajando com seus

antepassados, e no final apresentará um lindo trabalho sobre a riqueza da cultura africana. O contato direto com a literatura de autoria negra, protagonizando personagens pretas, permite a exposição do contexto social da massa negra, de crianças que até então se sentiram marginalizadas na literatura de autoria branca a partir de experiências negativas. Mas que com a ascensão da literatura infantojuvenil afro-brasileira, passam a ter outro olhar sobre si mesmas e sobre outro.

Figura 5 – Capa do livro meu Avô africano



Fonte: <https://images.app.goo.gl/y8qcHndeCQXcRo128>

Destacamos a imagem da árvore Baobá e sua importância para a nação africana, e o conceito de ancestralidade. Diante da discussão pedi que os alunos, realizasse um diálogo com a pessoa mais velha de sua família, (como ocorre no conto meu avô africano), para conhecer a história de sua ancestralidade.

No segundo encontro dialogamos sobre a aula anterior, a maioria disseram que dialogou com um parente, mas esqueceu a história, outro disse eu “só lembro, que minha mãe falou que se comunicava através de um aparelho chamado orelhão, mas que não era nada bom, toda hora a ligação caia, porque precisava de fichas que eram caras.” A outra criança disse: “mainha me contou um monte de coisas (mainha é minha avó), que minha avó (a bisa) era preta que trabalhou na casa dos brancos, mas que era uma mulher muito arretada, não aceitava desaforo de ninguém, era boa, de coração enorme, gostava de ajudar a todos. Ela usou os ferros de passar roupa que usava

carvão, mas era uma boa contadora de histórias, sempre reunia a família para contar, era muito bom. Minha avó falou muitas coisas, mas eu esqueci”.

Os alunos gostaram das histórias contadas por seus colegas, foi muito proveitoso. Para Lobato as memórias do povo negro não tem prestígio, “[...] As histórias que andam na boca do povo não são como as escritas. As histórias escritas conservam-se sempre as mesmas, porque a escrita fixa a maneira pela qual o autor a compôs”.(Lobato, 2022, p.15). Esta crítica do autor é preconceituosa, pois a oralidade institui a ligação entre o presente, permite a conexão com ancestralidade, uma memória visível; histórias da sua raiz, transmitindo saberes de geração a geração, símbolo de orgulho e valorização da identidade, que produz significado de existência.

Segundo Alessandro Portelli :

As fontes orais revelam as intenções dos feitos, suas crenças, mentalidades, imaginário e pensamentos referentes às experiências vividas. Ela se impõe como primordial para compreensão e estudo do tempo presente, pois só através dela podemos conhecer os sonhos, anseios, crenças e lembranças do passado de pessoas anônimas, simples, sem nenhum status político ou econômico, mas que viveram os acontecimentos de sua época (Poertelli, 1998, p. 57).

Concordamos o autor ao compreender que as histórias orais são legados dos atepassados, além de firmar a importância da tradição orindunda dos povos negros.

Para culminância do projeto realizamos um desfile temático no dia 20 de novembro de 2023, uma data importante para os negros brasileiros, para abrilhantam o projeto nos utilizamos de vestimentas, acessórios e danças afro-brasileiras, pinturas no rosto e no corpo. Espalhamos as produções das crianças nos corredores da escola. Toda a escola assistiu às apresentações.

Figura 6 – Arte da cultura afro-brasileira produzidos pelas crianças



Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora (2023)

A arte é uma das formas de representatividade na sociedade, uma marca da subjetividade humana, assim poder transmitir ideias e sentimentos e valores da cultura afro-brasileira por meio das artes, configura símbolo de resistência e referência da identidade negra. A arte possibilita vivenciar o presente, recordar o passado e refletir as mosas ações diárias.

Se sentir representado é poder mostrar a beleza da sua cultura com naturalidade e aceitação, ocupando os espaços até então negados, pelo processo da invisibilidade, do patriarcado, do conceito de supremacia e subalternidade.

Figura 7 – Desfile apresentação das artes



Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora (2023)

As crianças produziram suas impressões sobre a cultura afro-brasileira por meio do trabalho artístico de desenhos, mostrando a importância e os impactos que a cultura africana afirma sobre a sociedade brasileira, que para além de costumes e traços culturais, é uma questão identitária. Conforme os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs, 1997, p. 63) “O mundo atual caracteriza-se, entre outros aspectos, pelo contato com imagens, cores e luzes em quantidades inigualáveis na história”. Há linguagem não verbal é de bastante relevância na infância, pois possibilita o desenvolvimento cognitivo da criança, além de permitir a leitura de mundo.

Os PCNs ainda ressaltam que “o encaminhamento pedagógico artístico que tem como premissa básica a integração do fazer artístico, a apreciação e a contextualização histórica” (Brasil, 1979, p. 25). Falar de história remete a representatividade deste corpo que transmite mensagens, da beleza do ser e do senti-se como símbolo de resistência contra toda e qualquer forma de preconceito.

Figura 8 – Representatividade negra

Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora (2023)

A autoimagem está diretamente ligada a autoestima, desperta e alimenta a imaginação, permite a criança se encontrar socialmente, este referencial se torna um veículo de combate ao preconceito, a e discriminação, neste contexto se faz necessário refletir a imagem do negro na literatura, sobre tudo para jovens e crianças.

Figura 9 – Pinturas tribais

Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora (2023)

As pinturas corporais um dos tipos de arte que faz parte da cultura brasileira, herdada dos povos africanos, nos permitr rxnrgar conforme o documento oficial do Ministério da Educação:

No Brasil, são incontáveis os estudos que afirmam essa presença de elementos culturais africanos recriados em nosso contexto histórico, social e cultural. É também notório como tal movimento intercontinental, intercultural e interétnico permeiam a vida, os modos de ser, os conhecimentos, as tecnologias, os costumes, a musicalidade e a corporeidade dos outros grupos étnico-raciais que conformam a nossa população”. (Brasil, 2014, p. 12).

A linguagem artística das crianças precisam ser valorizadas nos espaços acadêmicos; reconhecer essa arte sobre estes corpos que falam, é reconhecer a própria identidade de um povo em sua essência, seu modo de viver e pensar, que produz conhecimento, por meio dos seus próprios objetos e objetivos.

Figura 10 – Dança afro-brasileira



Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora

As crianças exalavam felicidades e alegrias nas suas apresentações, de modo que se sentiram representadas, além do que, ponderam mostrar traços da sua identidade sem nem tipo de censura.

Danças são tradições ancestrais de povos que trazem modelagem de representatividade da raiz do negro; a alegria de expressa por meio do corpo sua identidade. Silva vai enriquecer, “A dança afro-brasileira, nesse sentido, surge como dispositivo contra o racismo, da exclusão, da invisibilidade; negadores da identidade negra e indígena. Ela é atitude política!” (Silva, 2019, p. 83)”. A representatividade importa, causando impactos positivos, de forma saudável, possibilitando a elevação da autoestima.

Durante o período de realização do projeto o coordenador Neilton foi muito gentil, desde o primeiro momento que me apresentei a escola. Fez contribuições permanentes ao projeto. No momento das apresentações introduziu a culminância do projeto e elucidou Zumbi dos Palmares; fez uma linda apresentação em data show do Almanaque Alfabetizador Antirracista, onde as crianças cantava o alfabeto e, citava cada palavra que aprecia do repertório negro.

Figura 11 – Contribuição da coordenação



Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora.

Neilton faz diversos destaques, um deles foi refletir sobre as cores dos “lápiz cor da pele”. Enfatizou que não existe o “lápiz cor da pele”, mas que existem diversas cores que pode representar a diversidade.

Figura 12 – Pagina do livro almanaque antirracista



Fonte: Almanaque alfabetizador antirracista (Pereira; Baião, 2021)

No Almanaque alfabetizador, versão virtual, tem a indicação do filme de curta-metragem “ Dudu e o lápis cor da pele” qual indicamos para as crianças assistirem, possibilitando uma maior compreensão sobre as relações étnico-raciais.

Duas coisas me chamaram a atenção no dia da apresentação: o entusiasmo das crianças e uma pergunta do coordenador ao indagar o público infantojuvenil ali presente, quantos ali já realizaram ou ouviram leituras de literaturas/histórias com negros, para surpresa dos aproximadamente 120 alunos ali presentes, conseguir perceber que nem 3% levantaram a mão. Dai percebemos a urgência da inserção da literatura infantojuvenil afro-brasileira na Escola Iromar Silva Nogueira.

No final foi feito uma foto com a equipe pedagógica que participou diretamente do projeto.

Figura 13 - Equipe pedagógica da escola Iromar: direção, coordenação, formanda e professoras



Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora

O carinho da escola, sua abertura para o projeto, a disposição dos profissionais: diretor e vice-diretores, psicopedagogos, professores e demais profissionais, que se envolveram no projeto de forma significativa, e o quanto perceberam que a proposta impactaram as crianças, o quanto a literatura de autoria negra, tem a grande relevância. No importante papel de construção e no reforço a identidade das crianças pretas.

5 CONCLUSÃO

A presença das personagens negras na literatura clássica brasileira, no geral, são retratadas de forma estereotipada, na maioria das vezes escrita por escritores brancos, que viabilizam uma imagem deturpada do negro. “A qualidade da Literatura Infantil é um elemento fulcral para a modelagem e construção de futuros adultos empenhados, questionadores, imaginativos, interventivos” (Riscado, 2001, p.2).

O pesquisador Cuti denuncia, que o pensamento discursivo e majoritário do homem branco sobre a população negra, ressalta a representatividade do negro no folclore brasileiro. A sociologia segue os mesmos passos, a literatura e a história também. A formação discursiva dominante, com todas as ranhuras e fraturas que sofrerá, chegará nesse quesito, até o século XXI, ainda com poder de convencimento.

Os discursos em torno da questão étnico racial no Brasil, perde o sentido estritamente biológico, se configura pela questão de classe social, e nas características físicas. O racismo, definido como “uma teoria pseudocientífica, mas racionalizada, postulando a inferioridade inata e permanente dos não brancos”, transformou-se numa formidável teoria (Skidmore, 1976, p.65).

Os currículos escolares ferem o que é disposto na lei 10.639/96, não dando ênfase o que está posto, no de respeito das outras culturas e saberes aí presentes nas escolas. Hierarquizando sempre as epistemologias eurocêntricas, a gramática normativa, as literaturas de autoria branca e livro diatático, que coloca sempre o negro a margem.

Ao observar a construção da literatura infantil percebemos, a relevância tanto da escrita como da imagem. Desta forma, as representações impostas nessas obras podem contribuir positiva ou negativamente para formação da cidadania das crianças e adolescentes negros. A evidência da violência contra as crianças negras na história e escrita dos contos infantojuvenis de autoria branca, nos faz refletir a importância da literatura infantojuvenil afro-brasileira nas escolas.

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) São Francisco do Conde é considerado o município de maior população negra, chegando mais de 90% da população, declarada no censo (IBGE, 2010), nos permite refletir o porquê de tanta resistência quanto a presença da literatura infantojuvenil afro-brasileira adentrar os espaços escolares. Podemos pontuar então que o uso da literatura infantojuvenil afro-

brasileira pode contribuir para formação identitária das crianças da escola Iromar Silva Nogueira de forma saudável, proporcionado pelas referências positivas da sua realidade cultural. É importante, ressaltar que o adulto de contato da criança: responsáveis, educadores, tios, avós, dentre outros precisam refletir criticamente suas ações.

Colocando-nos diante dos diversos espaços sociais em que o educativo acontece e nos convida a extrapolar os muros da escola e a ressignificar a prática educativa, a relação com o conhecimento, o currículo e a comunidade escolar. Coloca-nos também diante do desafio da mudança de valores, de lógicas e de representações sobre o outro, principalmente, aqueles que fazem parte dos grupos historicamente excluídos da sociedade. (Gomes, 1999, p. 75)

A escola como espaço de convivência social, e interação de sujeitos, precisa se despir do seu silenciamento sobre as questões étnico-raciais. Compreender que a relação entre a prática pedagogia dos professores no processo de ensino aprendizagem pode contribuir para uma educação antirracista. Para ocorrer resultados, mais significativos, é preciso investir na educação continuada dos professores, possibilitando a estes a reflexão da sua prática em sala de aula.

A pesquisa nos permitiu entender que a escola precisa refletir sobre a educação antirracista, que inclua a diversidade de forma plural e democrática.

REFERÊNCIAS

- BENJAMIN, Walter. Magia e técnica. **Arte e política**: ensaio sobre literatura e arte da cultura. Trad. de José Carlos M. Barbosa. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Brasília: MEC/SEB, 2010.
- BRASIL, MEC. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana**. Brasília, DF (2004).
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. Referencial curricular nacional para a educação **infantil** / Brasília: MEC/SEF, 1998.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão. **História e Cultura Africana e Afro-Brasileira na Educação Infantil** / Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão. -- Brasília: MEC/SECADI, UFSCar, 2014.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Arte** - Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997.
- CAMPOS, Carmem Lúcia. **Meu avô africano**. São Paulo: Panda Books 2010.
- CANDIDO, Antonio. O direito à Literatura. In: **Vários escritos**. 4. ed. São Paulo: Duas Cidades, 2004.
- CAVALLEIRO, Eliane. **Racismo e anti-racismo na educação**: repensando nossa escola. São Paulo: Selo Negro, 2001.
- CAVALLEIRO, Eliane dos Santos. **Do Silêncio Do Lar Ao Silêncio Escolar**: Racismo, Preconceito E Discriminação Na Educação Infantil. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2023.
- COELHO, Novaes Nelly. **Literatura infantil**: teoria, análise, didática. 1. ed. São Paulo: Moderna, 2000.
- CRUZ, Victoria Santa. **Revista de poesia e outras textualidades conscientes**. Disponível em <http://revistamododeusar.blogspot.com>
Acesso 20/10/2023
- CUTI. **Literatura negro-brasileira**. São Paulo: Selo Negro, 2010.
- DALCASTAGNÈ. Regina e THOMAZ C. Paulo. **Pelas margens**: representação na narrativa brasileira contemporânea. Vinhedo, Editora Horizonte, 2011.
- DEBUS, Eliane. **A temática da Cultura africana e afro-brasileira na literatura para crianças e a jovens**. São Paulo: Cortez: centro de ciência da educação, 2017.

ECO, Umberto. **Sobre literatura**. Tradução: Eliane Junke. Rio de Janeiro: Record, 2003.

GOMES, Nilma Lino. A questão racial na escola: desafios colocados pela implementação da Lei 10.639/03. *In*: MOREIRA, Antônio Flávio Barbosa; CANDAU, Vera Maria (Orgs.). **Multiculturalismo: diferenças culturais e práticas**.

GOMES, Nilma Lino. **Educação e diversidade cultural**: refletindo sobre as diferentes presenças na escola. 1999. Acessível em <http://www.mulheresnegras.org>. Acesso em 18 de julho de 2023.

GOMES, Nilma Lino. **Corpo e cabelo como ícones de construção da beleza e da identidade negra nos salões étnicos de Belo Horizonte**. São Paulo:USP, 2002 (tese: doutorado).

ALMA PRETA. **Steve Biko e a Consciência Negra**. 18 DE NOVEMBRO DE 2017. Disponível em: <https://almapreta.com.br/sessao/cotidiano/steve-biko-e-a-consciencia-negra/>. Acesso em 30 de setembro de 2023.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. - São Paulo: Atlas, 2008

JOVINO, Ione da Silva. Literatura infanto-juvenil com personagens negros no Brasil. *In*: SOUZA, Florentina e LIMA, Maria Nazaré (Org). **Literatura Afro-Brasileira**. Centro de Estudos Afro- Orientais, Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006

LAJOLO, Maria. ZILBERMAN, Regina. **Literatura infantil brasileira história e histórias**. São Paulo: Ática, 1984.

LOBATO, Monteiro. Histórias de Tia Nastácia. 8ª edição de “Histórias de Tia Nastácia” publicada na 2ª Série das “**Obras Completas de Monteiro Lobato**”, Editora Brasiliense, 1958b.

LOBATO, Monteiro. **Peter Pan**. São Paulo: Editora Globo, ed.2009. MINAYO, M. C. de S. (Org.). Pesquisa Social. 22 ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

OLIVEIRA, Kiusam de. **Com qual penteado eu vou**. São Paulo: editora Melhoramentos, 2021.

PEREIRA. Marcelha Quintiliano. Baião. Jonê Carla. **Almanaque alfabetizador antirracista**, Rio de Janeiro, 2021.

PORTELLI, A. O massacre de Civitella Val di Chiana (Toscana: 29 de junho de 1944): mito, política, luta e senso comum. *In*: FERREIRA, M. M.; AMADO, J. (Org.). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.

RIBEIRO Djamila. O que é: lugar de fala? Belo Horizonte(MG): **Letramento: Justificando**, 2017.

RISCADO, Leonor. A crítica da literatura infantil e as escolhas do público. **II Encontro Nacional de Investigação em Leitura, Literatua Infantil e Ilustração**. Centro de estudos da criança da Universidade do Minho (ISBN 972-98757-4-x). Disponível em http://www.casdaleitura.org/portalebta/bo/documentos/ot_cri_escolhas_liscado_a.pdf 2001. Acesso em 09 de setembro de 2023.

SEAD - Superintendência de Educação a Distância – UFBA. Disponível em <https://sead.ufba.br/sao-francisco-do-conde>. Acesso em 05 de agosto de 2022

SKIDMORE, Thomas E. **Preto no branco**: raça e nacionalidade no pensamentobrasileiro. Tradução de Raul de Sá Barbosa. Rio de Janeiro: Paz e Terra,1976.

SILVA, Marilza Oliveira da. O Tronco Histórico da Dança Afro-brasileira. **Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)**, [S. l.], v. 11, n. 27, p. 64-85, fev. 2019. ISSN 2177-2770. Disponível em: <http://www.abpnrevista.org.br/revista/index.php/revistaabpn1/article/view/665>. Acesso em: 25 de março 2023.

SOUZA, S. S.; LOPES, T. M.; SANTOS, F. G. S. Infância negra: a representação da figura do negro no início da construção de sua identidade. *In*: UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO. **Jornada Internacional de Políticas Públicas**, 3. São Luís: Ed. UFMA, 2007. (Dissertação)

ZANETTE, Marcos Suel. Pesquisa qualitativa no contexto da Educação no Brasil. **Educar em Revista**, Curitiba, Brasil, n. 65, p. 149-167, jul./set. 2017

ZILBERMANN, Regina; Lajolo, Marisa. **Um Brasil para crianças**: para conhecer a literatura infantil brasileira: histórias, autores e textos . 3. ed. São Paulo: Global, 1988.

ANEXOS

ANEXO B - Projeto para oficina



UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA

INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS - MALES

CURSO DE LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA

MARIA ISABEL SOUZA DE JESUS SANTOS

Orientador: Gabriel da Cunha Pereira

e-mail: gabrieldacpereira@unilab.edu.br

OFICINA PEDAGÓGICA COM OS CONTOS: Com qual penteado eu vou? De Kiusam de Oliveira, e Meu avô africano por Carmen Lúcia Campos.(Subsidio para fundamentação do TCC (Trabalho de Conclusão do Curso), com tema de pesquisa: A Inserção da Literatura Infantojuvenil Afro-Brasileira nas Séries Iniciais do Ensino Fundamental da Escola Iromar Silva Nogueira em São Francisco do Conde-BA. Escola Iromar silva noqueira.

Turmas: 4.º e 5.º ano das séries iniciais do ensino fundamental

Período: de 06/11/2023 a 20/11/2023

Justificativa

A presente proposta visa refletir o grande vazio/falta da presença da literatura infantojuvenil afro-brasileira nas escolas de São Francisco do Conde-BA, cidade onde os residentes na maioria são negros (IBGE, 2010). Os projetos vinculados às escolas, elaborados a partir desta temática, são perceptível somente em datas comemorativas, que de fato não fazem parte de um instrumento pedagógico interdisciplinar que atenda a obrigatoriedade da Lei 10.639/2003, que traz a obrigatoriedade da inclusão e permanência de estudos afro-brasileiros no currículo escolar brasileiro.

Sendo uma realidade que segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) São Francisco do Conde. É considerado o município de maior população negra (maior que 90%) declarada no censo (IBGE, 2010), nos permite refletir o poque de tanta resistência quanto a presença da literatura infantojuvenil afro-brasileira adentrar os espaços escolares. Qual contribuição da escola para que este material não seja apenas um suporte pedagógico, e sim uma realidade no currículo

escolar? Como essas crianças se vêm nas outras literárias?

O tema em questão pode ser usado como instrumento para a construção da identidade de uma forma positiva, uma vez que as literaturas brasileiras, durante séculos, sempre foi permeada de conceitos racistas e preconceituosos, nos quais a criança negra geralmente não se percebe protagonista nos livros didáticos e paradidáticos geralmente ofertados nas escolas.

Orientações e percurso metodológico para condução da oficina Turma do 4.º ano

Primeiro encontro:

- Apresentação inicial para as crianças- Quem sou...
- Anexar ao quadro imagens de meninos e meninas brancas e negras. Entregar para as crianças folhas, papel ofício, canetinhas coloridas e lápis de cores, solicitar que as crianças desenhem qual imagem que mais se aproxima da fotodelas, ou com a qual criança elas gostariam de parecer, como se sentem e porquê, recolher as atividades.
- No se segundo momento dividir a turma em círculo e lê para os alunos a obra da Kiusam“ Com qual penteado eu vou?”
 - Fazer uma listagem dos nomes africanos e com seus respectivos significados, trabalhar o conceito de ancestralidade, trazendo a representatividade por meio da produção de desenhos desenhos.

Segundo encontro:

- Diálogo sobre a história lida anteriormente. Depois dividir a turma em dupla e distribuir para as crianças tintas, pinceis, lápis de cores, papel cartão, cantinhas, lápis grafite, papeis diversos, para poderem escolher um penteado dos que aparecem no conto para produzirem a arte.

Terceiro encontro:

- Exposição das artes na sala de aula ou no corredor da escola. Realizar desfile apostando algumas artes os penteados afro desenhados pelas crianças. desfile dos penteados, danças. Sessão de fotos.

Turma do 5.º ano

Primeiro encontro:

- Apresentação inicial para as crianças- Quem sou...
- Anexar ao quadro imagens de meninos e meninas brancas e negras. Entregar para as crianças folhas, papel ofício, canetinhas coloridas e lápis de cores,

solicitar que as crianças desenhem qual imagem parecem mais com a foto delas, ou com a qual criança elas gostariam de parecer, como se sentem e o porquê, recolher as atividades.

- No segundo momento organizar a turma em círculo e lê para os alunos o conto “Meu avô africano”.

- Diálogo sobre a história lida anteriormente. Valorização da oralidade.

Segundo encontro:

- Dividir a turma em grupos para construção de cartazes com as contribuições do povo africano para formação do povo brasileiro. Depois distribuir para as crianças tintas, pinceis, lápis de cores, cartolinas, cantinhas, lápis, grafite, papéis diversos, com os seguintes temas:

- 1 Arte;
- 2 Brincadeiras;
- 3 Culinária;
- 4 Músicas e danças;
- 5 Religião;
- 6 Vestuário;
- 7 Vocabulário.

Terceiro encontro:

- Exposição das artes na sala de aula ou no corredor da escola. Sessão de fotos.

No último encontro realizar um desfile, as crianças irão apresentar-se caracterizados com as vestes e penteados afro-brasileiros danças africanas, pinturas corporais e algumas atividades produzidas.

Avaliação- Será processual a partir da observação das reações, e respostas apresentadas pelos alunos no decorrer do processo das atividades nas oficinas.

Recursos: Tintas, pinceis, lápis de cores, cartolinas, cantinhas, lápis, grafite, papéis diversos, livros de contos literários afro-brasileiros, imagens, tesouras, tecidos coloridos.

Referências:

CAMPOS, Carmem Lúcia. Meu avô africano. São Paulo: Panda Books 2010.

OLIVEIRA, Kiusam de. Com qual penteado eu vou- 1ed – São Paulo: editora Melhoramentos, 2021.

<https://sead.ufba.br/sao-francisco-do-conde>



ANEXO C - Questionário de entrevista
para alunos e professores



UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA

INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS - MALES

CURSO DE LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA

MARIA ISABEL SOUZA DE JESUS SANTOS

TCC(Trabalho de Conclusão do curso)

TEMA:A Inserção Da Literatura Infantojuvenil Afro- Brasileira nas Séries Iniciais do Ensino Fundamental Na Escola Iromar Silva Nogueira Em São Francisco Do Conde- Ba

Questões sobre a Temática Étnico-Raciais E Literatura Infantojuvenil Afro-Brasileira

Assinale a alternativa que corresponde à realidade do seu ambiente escolar

1 A trajetória histórica do negro é estudada:

A- No Dia da Abolição da Escravatura, em agosto, mês do folclore, e no Dia da Consciência Negra.

B- Como conteúdo, nas várias áreas que possibilitam tratar o assunto.

C- Não é estudada.

2 Acredita-se que o racismo deve ser tratado:

3 A- Pedagogicamente pela escola.

B- Pelos movimentos sociais.

C- Quando acontecer algum caso evidente na escola.

4 A cultura negra é estudada:

A- Como parte do rico folclore do Brasil.

B- Como um instrumento da prática pedagógica.

C- Quando é assunto da mídia. O currículo:

A- Baseia-se nas contribuições das culturas europeias representadas nos livros didáticos.

B- Constrói-se baseado em metodologia que trata positivamente a diversidade racial, visualizando e estudando as verdadeiras contribuições de todos os povos.

C- Procura apresentar aos alunos informações sobre os indígenas e negros brasileiros.

5 O professor:

A- Posiciona-se de forma neutra quanto às questões sociais. É o transmissor de conteúdos dos livros didáticos e manuais pedagógicos.

B- Reavalia sua prática refletindo sobre valores e conceitos que traz introjetados sobre o povo negro e sua cultura, repensando suas ações cotidianas.

C- Tem procurado investir em sua formação quanto às questões raciais.

6 O trato das questões raciais:

A- É feito de forma generalizada, pois a escola não tem possibilidade de incidir muito sobre ele.

B- É contextualizado na realidade do aluno, levando-o a fazer uma análise crítica dessa realidade, a fim de conhecê-la melhor, e comprometendo-se com sua transformação.

C- Não é considerado assunto para a escola.

7 As diferenças entre grupos etnoculturais:

A- Não são tratadas, pois podem levar a conflitos.

B- Servem como reflexão para rever posturas etnocêntricas e comparações hierarquizantes.

C- São mostradas como diversidade cultural brasileira.

8 As situações de desigualdade e discriminação presentes na sociedade são:

A- Pontos para reflexão para todos os alunos.

B- para reflexão para os alunos discriminados.

Pont os C- Instrumentos pedagógicos para a conscientização dos alunos quanto à luta contra todas as formas de injustiça social.

9 Acredita-se que, para fortalecer o relacionamento, a aceitação da diversidade étnica e o respeito, a escola deve:

A- Promover o orgulho ao pertencimento racial de seus alunos.

B- Procurar não dar atenção para as visões estereotipadas sobre o negronos livros, nas produções e nos textos do material didático.

C- Promover maior conhecimento sobre as heranças culturais brasileiras.

10 Quanto à expressão verbal:

A- Acredita-se que a linguagem usada no cotidiano escolar tem o poder de influir nas questões de racismo e discriminação.

B- Usam-se eufemismos para se referir a etnia dos alunos, para não ofendê-los.

C- A linguagem não tem influência direta nas questões raciais.

11 Quanto ao trabalho escolar:

A- Alguns professores falam da questão racial em determinadas etapas do ano letivo.

B- Existe resistência dos professores para tratar a questão racial com relação à luta contra todas as formas de injustiça social.

C- Existe um trabalho coletivo sobre a questão racial com a participação de todos, inclusive da direção e dos funcionários.

12 Quanto à biblioteca:

A- Existem muitos e variados livros infantojuvenil afro-brasileiro que contemplem alunos e professores.

B- Existem alguns tipos de livros (dois ou três) que contemplam a questão racial.

C- Não existem livros sobre o tema.

13 Quanto à capacidade dos professores sobre a questão racial:

A- Algumas vezes no ano fazemos cursos ou grupos de estudo sobre a questão racial.

B- Ainda não tivemos a oportunidade de estudar a questão.

C- Procuramos incorporar o assunto nas discussões de reuniões pedagógicas, grupos de estudo e momentos de formação.

14 Quanto ao aluno:

A- Os alunos se veem representados nas literaturas apresentados em

sala de aula.

B- Os alunos não se veem representados nas literaturas apresentados em sala de aula, pois as histórias não comungam com sua etnia e realidade social.

C- Os alunos se veem representados em parte, pois temos diversidade étnica- racial.

Quanto a literatura infantojuvenil afro-brasileira

A- É importante para formação identitária positiva de crianças e jovens.

B- Não contribui para a formação indentária dos alunos, pois cada uma já tem sua representatividade nos modelos impostos na sociedade.

C- A temática não tem relação direta nas questões sociais.

Observação: Algumas questões foram baseados no questionário disponível no site: <https://gestaoescolar.org.exemplo-de-questionario-para-avaliar-como-sua-escola-aborda-o-racismo>.